

Apresentação

Elias Nazareno¹

Maria Paula de Meneses²

O número especial *Epistemologias do sul e diálogos interculturais* tem como objetivo fundamental trazer a público experiências que estão sendo realizadas no Sul global (epistêmico e não geográfico) acerca de novas possibilidades que estão em construção, como projetos políticos, sociais e epistemológicos, seja via movimentos sociais, seja via projetos educacionais vinculados aos povos que foram silenciados e subalternizados em meio à criação do sistema-mundo colonial-moderno.

Durante séculos, sobretudo a partir do que convencionou-se classificar como modernidade, os conhecimentos outros, outras racionalidades e outras sexualidades foram apropriadas, racializadas, subalternizadas e silenciadas pelo logocentrismo e grafocentrismo ocidentais. Mesmo diante desse processo extremamente violento, concomitantemente à sua constituição teve início um vigoroso processo de resistência, que pode ser observado nas manifestações de luta dos povos submetidos ao projeto colonizador.

Esse número apresenta as experiências que estão em curso na América Latina tendo em vista as discussões realizadas em torno das Epistemologias do Sul e da Interculturalidade Crítica.

Fazem parte do Dossiê duas entrevistas, disponíveis na revista no formato Youtube, uma com Ailton Krenak e outra com Gersem Baniwa, e quatro artigos. Nas entrevistas, as duas lideranças indígenas apresentam, de forma dialogada com os organizadores do Dossiê, suas impressões e percepções sobre a importância da Educação Intercultural para os povos indígenas brasileiros. Destacam as possibilidades e os limites inerentes à educação intercultural, enfatizando a necessidade incontornável da presença dos conhecimentos indígenas na educação como um todo, mas revelando também que esta é apenas parte da luta dos povos indígenas e

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: Eliasna@ufg.br.

² Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais (CES), Coimbra, Portugal. E-mail: mpmeneses@gmail.com.

que, sem a defesa intransigente de seus territórios e cosmologias, a educação intercultural perde o seu sentido.

Os artigos apresentados no Dossiê destacam experiências com a educação em diferentes contextos latino-americanos. O primeiro artigo, “Diálogo intercultural no agreste e sertão pernambucanos: o Povo Pankará e os/as Artesãos/ãs do Alto do Moura”, de Jaqueline Barbosa da Silva, Everaldo Fernandes da Silva, Maria Luciete Lopes e William Francisco da Silva, apresenta o diálogo intercultural entre as cosmovisões dos/as artesãos/ãs do Alto do Moura – Caruaru/PE e do Povo Pankará, cuja percepção é resultado dos desdobramentos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade (Pibid Diversidade), do projeto de pesquisa Professores Indígenas de Pernambuco: formação, pesquisa e prática pedagógica, das rodas de diálogo com os referidos ceramistas. De acordo com os autores, o acesso às cosmovisões do Povo Pankará e os contatos intersubjetivos dos/as artesãos/ãs do Alto do Moura, em Pernambuco, revelaram as práticas educativas e a produção do conhecimento popular, promovendo um olhar crítico-propositivo no e do grupo dos/as participantes indígenas e artesãos/ãs.

No segundo artigo, “Resgatando o sentido da profissão docente por meio de tertúlias pedagógicas dialógicas: vozes de professores da Serra Norte do México”, Alfonso Rodríguez Oramas e José Ramón Flecha apresentam e descrevem como, por meio das tertúlias pedagógicas dialógicas – que são espaços de formação baseados na aprendizagem dialógica –, os professores podem aceder às evidências científicas do impacto social das ações educativas, que permitem contrariar a situação de desencanto, apatia e perda de sentido em relação à profissão de professor. O artigo pesquisou como as tertúlias pedagógicas dialógicas têm contribuído para que os professores de Huauchinango, no México, recuperem o sentido transformador da educação e se re-encantem com a profissão docente, colaborando positivamente com sua prática educacional em suas escolas e para o seu bem-estar pessoal.

No terceiro artigo, “Histórias da Covid-19: reflexões sobre violências desveladas na pandemia e o potencial das plantas-pessoas-espíritos”, Maria do Socorro Pimentel da Silva, Alexandre Herbetta, Taís Pocuhto, Cintia Guajajar, Antônio Jukureakireu Boe, Asariku Waura, Muni Kayabi Mehinaku Kemenha, José Yudjà, Clarice Krikati, Agostinho Eibajiwu, Makatu Kayabi e Umya Karajá trazem as percepções indígenas e não indígenas acerca da expansão da pandemia de Covid-19 nos territórios originários. Ao refletirem a partir das cosmovisões indígenas sobre o que está acontecendo no mundo atualmente, destacam a relação entre as políticas públicas indigenistas e as práticas comunitárias entre as populações indígenas, tendo

em vista a problematização vinculada ao binarismo cultura/natureza presente na cultura ocidental, resultando na ausência da espiritualidade em suas práticas.

No quarto e último artigo do Dossiê, “Desobediência epistêmica: nuances de um movimento do lado de cá”, as autoras Sélvia Carneiro de Lima e Ludmila Stival Cardoso analisam algumas formas de resistência indígena, particularmente a literatura e a Utopia Chixi como alternativas de questionamento, de resistência e de re-existência em relação às lógicas de dominação e subalternização dos povos indígenas, realizadas a partir da invasão da América.

Nos primeiros dias de janeiro de 2020, Maria Paula de Meneses, minha supervisora de pós-doutorado, e eu, Elias Nazareno, discutimos e deliberamos, no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, acerca da produção desse Dossiê, cuja proposta inicial era muito mais ampla e visava abarcar experiências realizadas também na África, Ásia e Europa. Conversei com a editora da revista *Articulando e Construindo Saberes*, Maria do Socorro Pimentel da Silva, sobre a proposta e ela, com sua generosidade e acuidade intelectual de sempre, prontamente atendeu ao nosso pedido, colocando a revista à nossa disposição. Poucos meses depois, entretanto, o mundo foi surpreendido com o avanço imparável da pandemia de Covid-19. Portugal, depois da Itália e Espanha, foi igualmente atingido, de forma ainda mais contundente, pelos efeitos da pandemia, a partir de março de 2020.

Esse contexto de crise incontornável me obrigou a retornar ao Brasil em março de 2020, apesar da previsão do meu projeto ser que eu lá ficasse até julho de 2020, e grande parte do trabalho que havíamos planejado para a realização do Dossiê ficou prejudicada. Ao regressar ao Brasil, os fatos iriam revelar que a pandemia seria muito mais dura no meu país, sobretudo pela ausência de articulação em termos de políticas públicas de combate a ela por parte do governo brasileiro. A população brasileira ficou à mercê da ingovernabilidade e, portanto, da ausência de uma política nacional de enfrentamento à pandemia. Como resultado, em poucos meses o Brasil rapidamente se transformou em um dos epicentros da pandemia em âmbito mundial.

Foram muitas e incontáveis as vítimas dessa tragédia. Centenas de milhares de pessoas perderam suas vidas. Dentre essas pessoas, infelizmente, está a minha grande amiga e colega do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG) e editora desta revista, Maria do Socorro Pimentel da Silva. Nós não poderíamos deixar de dedicar esse Dossiê a ela. Socorro foi e, segue sendo, uma das mulheres mais corajosas e dedicadas à educação intercultural indígena no Brasil. Ela é, inclusive autora de um dos artigos

que dele fazem parte. Suas ideias, escritos e, principalmente, sua coragem e vontade seguirão vivos entre nós.

Txoitotuke, Socorro!

Obrigado, Socorro!